

Etiologismo interno e externo. Conceitos da unidade vital e das diferenças individuais.*)

por

José L. C. Flores Soares.

A historia da Medicina nos mostra que, sendo a sua finalidade, em ultima análise, a conservação da saúde do homem, sempre os medicos tiveram como preocupação fundamental o conhecimento das causas das molestias ou a etiologia, primeiro elo dessa cadeia que se continúa com o diagnóstico, prognóstico e tratamento e em que se resume a clinica. E notamos mais que a evolução da Medicina, foi presidida, em geral, pela doutrina do etiologismo interno ou endogeno que, fundada na observação e conhecimento cada vez mais perfeitos do individuo doente, vê nos fatores internos, isto é, na propria organização individual, a causa exclusiva das doenças.

Começemos por Hipocrates, com razão considerado o Pai da Medicina e em cujas teorias se resumem os conhecimentos medicos esparsos das antigas civilizações orientais, de que os gregos foram herdeiros, através das relações da sua lingua com o sanscrito.

Orientado pela doutrina quaternaria, Hipocrates considerava o corpo humano constituido de 4 humores: — sangue, pituita, bile branca e bile negra. Haveria saúde, quando esses 4 elementos se encontrassem em justo equilibrio de força e quantidade e perfeitamente misturados. Haveria doença, quando essa harmonia fôsse quebrada, pelo predomínio, falta ou separação de qualquer desses humores.

“Tudo concorre, tudo conspira, tudo consente no corpo humano. Confluxio una, conspiratio una, consentientia omnia”, é o celebre aforismo da escola de Cós, onde Hipocrates pontificava. Ele já traduz a idéa da sinergia funcional e unidade reacional do corpo humano.

Aristoteles e a escola de Alexandria conservaram como base de suas idéas medicas a doutrina de Hipocrates, transmitindo-a a Galeno que, no dizer de Boinet, foi o fundador da medicina científica.

Admitia Galeno os 4 humores de Hipocrates, com as denominações de sangue, pituita, bile e atrabile, e neles fundava sua divisão dos temperamentos em sanguineo, pituitoso, bilioso e atrabiliario, que, permitindo classificar os individuos e conhecer-lhes as tendencias somatopsiquicas pela sua organização intima, já esboça os fundamentos da moderna Escola Constitucionalista.

Depois de Galeno, a Medicina continuou dirigida pelas idéas de Hipocrates, Aristoteles e Galeno, até a Escola de Montpellier, tambem

* Primeira preleção, realizada a 4 de abril de 1934, no curso de Doutrina Constitucionalista que o autor está dando na cathedra de Cl. Proped. Medica, a convite do prof. Tomás Mariante.

orientada pelos mesmos principios, graças á influencia dos arabes, igualmente hipocraticos e galenicos.

Somos, assim, chegados á Escola de Paris, onde vêmos surgir a doutrina do etiologismo externo ou exogeno, que attribue, exclusivamente, aos fatores ambientais a causa das doenças.

A ciencia experimental de Claudio Bernard, preparou o caminho para as novas idéas que triunfaram facilmente com a criação da bacteriologia, por Pasteur, cujas descobertas empolgaram quasi todo o mundo medico, que passou a considerar os microorganismos do ambiente como unicos fatores que intervinham na elaboração dos quadros morbidos e a vêr, portanto, no combate aos germes a cura e, talvez mesmo, o desaparecimento das doenças.

Passado, porém, o primeiro periodo de cego entusiasmo pelas doutrinas pastorianas, essas ilusões foram, progressivamente, se desfazendo diante dos obstaculos, fracassos e interrogações com que a pratica fez enfrentar a Escola de Paris, tão orgulhosa da nova doutrina, que julgou poder desprezar os ensinamentos da multiseccular observação do passado. Aos poucos, foi se patenteando, aos olhos de todos, a insuficiencia da doutrina do etiologismo externo e a hipertrofia a que ele arrastára a sua mais notavel e util criação — a bacteriologia.

Assim, de um lado multiplicaram-se os germes, no afan de criar um agente morbido exogeno para cada doença observada. E, como isso não bastasse para a solução do problema clinico, dentro dos limites acanhados em que a propria doutrina da Escola de Paris se havia colocado, muitas vezes foi necessario dividir esses mesmos germes em variedades e raças, cada qual com propriedades culturais caracteristicas e eletividade para provocar tal ou qual doença, esta ou aquela localização morbida. Os exemplos do que estou referindo, já vos são familiares, como as diversas raças ou variedades de estreptococos, de pneumococos e de meningococos. Ainda mais, criou-se o biotropismo, para resolver a questão da preferencia dum mesmo germe, ora por um, ora por outro tecido do organismo, como, por exemplo, o dermatotropismo e o neurotropismo do treponema palido, expostos por Levaditi, e o neurotropismo do tripanosoma cruzi descrito por Moura Campos e Villela.

Por outro lado, muitos, julgando talvez que tivesse havido abuso nessa multiplicação de germes, variedades, raças, etc., pretenderam identificar dois ou mais germes em um só. Quem acompanha a evolução da bacteriologia nos ultimos anos sabe que não tem sido raro verificarem os experimentadores a transformação de uma cultura de determinado germe, variedade ou raça, em outro. Citarei apenas um exemplo, mesmo porque não coleciono essas duvidas de bacteriologia: o micrococo catarral, o gonococo e o meningococo, talvez sejam um unico germe. Espantaram-se?... Pois então ouçam Philibert, da Faculdade de Medicina de Paris, digna herdeira da gloriosa Escola de Paris: “Póde-se considerá-lo — refere-se ao micrococo catarral — como fórmula sa-profitaria do gonococo e do meningococo que, em certas circunstancias, transformar-se-ia, por adaptação, ora á uretra, ora ao liquido cefalo-raqueano, em gonococo e em meningococo, individualizando seletivamente, não mais crescendo nos meios de cultura habituais, tendo adquirido novas exigencias e se tornado virulento

Em favôr dessa opinião de Philibert, — que é francês e bacteriologista, convém frisar — posso apresentar-vos os casos de vulvo-vaginite descritos pelos americanos Davis e Curtis em que os autores afirmam não haver a menor dúvida de que o agente produtor é o micrococo catarral. Note-se ainda, de passagem, que, conforme varios autores, ao micrococo catarral cabe o segundo lugar como causador da influenza.

Quantos outros problemas permanecem insolúveis para a doutrina do etiologismo exclusivamente externo?!

Como explicar, por exemplo, a transformação de certos germes que, vivendo em saprofitismo no organismo humano, tornam-se, num dado momento, patogenicos? A estreiteza da doutrina do etiologismo externo impede alcançar a verdadeira resposta.

Finalmente, não quero deixar passar sem referência o descobrimento dos virus filtraveis e os abalos que esse fato está fazendo no alteroso edificio da microbiologia. É' uma conquista científica devida a essa gloria autentica da bacteriologia brasileira que é Cardoso Fontes e que, iniciada com germe da tuberculose, se estende cada vez a maior numero de germes, conforme o proprio sabio brasileiro e outros estão verificando. Esses virus filtraveis são unidades vitais morbigenicis mais simples do que os germes respetivos e, diante dessa noção, já surgiu a hipotese unicista, que agita a idéa de, com o desenvolvimento da ciencia e aperfeiçoamento dos atuais meios de pesquisa, se vir ainda a encontrar uma fórma mais simples de unidade vital morbigenica, que poderia ser chamada energia morbida e que daria lugar, segundo circumstancias diversas, á formação, ora dum, ora doutro dos germes atuais. É, como disse, uma hipotese, mas que se justifica perfeitamente, no estado atual dos nossos conhecimentos. O tema, entretanto, é vasto demais para poder ser todo desenvolvido no decorrer dessas considerações, cujo fim é demonstrar-vos que a atual bacteriologia e a doutrina medica ainda dominante necessitam de uma revisão que as escoime de certos exageros, consequencias da facinação pela Escola de Paris.

Longe de mim, porém, querer diminuir a importancia da contribuição que Pasteur, seus colaboradores e continuadores trouxeram á ciencia medica e que é, realmente, notavel. O que se deve lamentar é que lhes tivesse faltado a necessaria isenção de espirito para ligarem, ao patrimonio científico que lhes havia sido legado pelo passado, as novas aquisições decorrentes de seus estudos e pesquisas. Aconteceu-lhes o que tantas vezes sucede nos periodos de transição das ciencias e da propria humanidade: deslumbrados com as novas luzes, entenderam poder dispensar as velhas, como inúteis e, talvez mesmo, prejudiciais.

E, dessa unilateralidade no encerrar o conceito da doença, surgiram tropeços á evolução da Medicina, de que só agora principiamos a libertar-nos, com a noção mais ponderada e exata de que a doença é a resultante de mais alguma cousa além do germe, isto é, do terreno em que ele atúa e se desenvolve, o qual, sendo o individuo humano, extremamente variavel e séde de fenomenos vitais complexos, não pôde e não deve ser equiparado a um simples tubo de cultura.

Consociam-se, assim, em nossos dias, as doutrinas do etiologismo interno e externo e eu não me pôsso furtar de repetir-vos a inspirada sin-

tese que nos dá, desse consorcio, o professor Rocha Vaz, chefe da Escola Constitucionalista Brasileira:

“A doença — escreve o mestre eminente — é a resultante de dois elementos: o microbio e o terreno, cujas relações bem se resumem na parabola do sementeiro. Chega o germe ao organismo, em condições de ataque ou não; liberta-se este daquele, pela mobilização de suas defesas naturais; é a semente caída ao sólo, pisada aos pés, comida pelas aves, seçada pelo sol e afogada pelos espinhos.

Desenvolve-se outras vezes a agressão: triunfa a investida e são subjugadas as trincheiras de defesa — é a semente que caiu em terra bôa, nasceu e produziu com abundancia.”

Os pés que esmagam a semente, as aves que a engolem, o sol que a cresta e os espinhos que a sufocam são os leucocitos, as opsoninas, as cadeias laterais, os fermentos, etc. etc. conforme as diferentes explicações de Metschnikoff, Wright, Ehrlich, Abderhalden e outros, para o mecanismo da reação e defesa do organismo diante dos ataques do inimigo externo. Todas essas concepções já vos são bem conhecidas e, por elas, se vê a solidariedade estreita que liga as diversas partes do corpo humano, o qual “não é uma simples soma de phenomenos vitais dos elementos constituintes, é, como bem afirma Kraus, o estado celular desenvolvido segundo leis fundamentais da utilidade, com a sua divisão de trabalho e diferenciação morfológica correspondente ao fim do bem-estar coletivo. Cada parte elementar — continúa o autor citado — é solidaria com todas as outras do mesmo corpo, pois que as mudanças do estado dos órgãos simples, agem como estímulos sobre os órgãos vizinhos e longínquos; assim as funções se regulam reciprocamente.”

E’ o principio da unidade vital do organismo humano, no estado de saúde e de doença, fundamento solido em que se tem procurado firmar, cada vez mais, a Medicina dos nossos dias.

E’ o renascimento da doutrina hipocratica do “tudo concorre, tudo conspira, tudo consente no corpo humano”, que havia sido abandonada pela Escola de Paris.

O inesquecível professor de clinica medica da nossa Faculdade, cuja figura avulta sempre mais, á proporção que se afasta de nós e sentimos a sua falta impreenchível — Otavio de Souza — resumindo o curso da evolução da Medicina durante a sua vida de clinico e professor, dizia, na ultima vez em que lhe ouvi a palavra de mestre incomparavel, já nas vespuras de ser levado pela morte: “Neste espaço de trinta e poucos anos consagrados á Medicina, observei o combate, dia a dia renovado, entre a orientação da Medicina estatica e fragmentaria que professavam os meus mestres e a orientação de uma Medicina dinamica e unitaria pela qual vem trabalhando a geração de cientistas a que pertengo.”

Ao lado desse conceito da unidade vital do organismo humano emparelha-se o das diferenças individuais, que é o renascimento do velho aforismo “não ha doenças, mas doentes”, tantas vezes repetido pelos que ensinam a clinica e quotidianamente verificado pelos que exercem a Medicina.

Claudio Bernard já afirmou que “o medico não é medico dos seres vivos em geral, nem mesmo medico do genero humano, mas, sim, medico

do individuo humano", e o nosso Torres Homem ensinava que "a clinica é a ciencia pratica da individualidade morbida."

Em cada caso particular, na clinica, se descobre um quadro nosologico diverso, em que resaltam, ao lado dos grandes traços comuns a todos os quadros semelhantes, as cambiantes sintomaticas carateristicas da inevitavel interferencia dos fatores endogenos, extremamente variaveis dum individuo para o outro, cambiantes essas que muitas vezes influem consideravelmente no prognostico, na evolução e no tratamento do paciente.

O estudo das diferenças individuais, entretanto, só achou solução satisfatoria com a ciencia das constituições, como muito bem frisou Viola, em conferencia realizada na Universidade Medica Real de Budapest, na qual o grande patriarca da Escola Constitucionalista Italiana assim conclúe:

"Parece-me que com a ciencia das constituições se possa considerar definitivamente terminada a secular evolução historica do pensamento medico.

Esse pensamento medico, liberto das nevoas fastasticas da idade média, tentou uma primeira aproximação da realidade concreta do individuo doente (primeiro e ultimo fim da Medicina) por meio da anatomia humana estudada diretamente no cadaver(Mondino).

Um segundo passo de aproximação ulterior foi feito pelo microscopio (Malpighi), mas sempre o pensamento medico se encontrava afastado do seu objeto definitivo, o individuo doente.

Um terceiro passo de aproximação ulterior foi feito pelo estudo das funções exploradas nos organismos vivos (Harvey).

Um quarto passo, sempre mais aproximado, o mais importante de todos, foi feito pela anatomia patologica, base material das funções alteradas (Morgagni).

Um quinto passo, pelo qual o problema do homem doente foi encarado ainda mais de perto, é constituído pelas alterações celulares (Virchow).

Um sexto passo é o estudo experimental das funções patologicas.

Mas, apesar de tudo isso, permanecia-se no abstrato, não se tocava o concreto real, mirado desde seculos, que é um determinado individuo doente. Unicamente se conhece a anatomia em abstrato, a fisiologia em abstrato, as doenças em abstrato. Essas tres entidades são entidades medias e, alem disso, se acham desligadas, cada uma isoladamente, em tratados separados. Grandes lacunas no conhecimento da individualidade impedem-lhes a união.

Permaneceu-se, assim, parado no curso historico da Medicina em direção ao seu termo final, estagio que talvez fôsse necessario e que durou todo o seculo XIX.

Mas, no fim do seculo, surgiu a orientação individualista, no meio da incompreensão geral; e foi mais uma vez um clinico (como sempre no passado) que, premido pelo supremo problema da individualidade doente, derrubou o ultimo obstaculo á aproximação completa.

De Giovanni, inaugurando um metodo individualistico anatomo-fisiologico, no qual, classicamente, como na formação historica da Medi-

cina, a anatomia é considerada indivisível da fisiologia, abriu o caminho para o ultimo passo, o mais decisivo, que nos dará, enfim, a posse desse real concreto individual que os clinicos modernos ambicionam desde Mondino, sem nunca o alcançarem."

A doutrina das constituições, espelhando em si as tendencias gerais da medicina hodierna, está fadada a orientar, daqui para o futuro, a marcha triunfal de nossa ciencia, mas ainda atravessa um periodo de certa instabilidade.

As dificuldades surgidas são consequencia da diversidade dos conceitos defendidos pelas varias escolas constitucionalistas européas, refletindo o estado de espirito de após-guerra dos povos do Velho Mundo, os quais, entredevorando-se na paz armada, colocam a nacionalidade em primeiro lugar, em qualquer assunto, inclusive, infelizmente, nos scientificos, o que os faz muitas vezes divergir das idéas acertadas que se originam em outro país, considerado inimigo de ontem ou de amanhã. Estabeleceu-se, assim, grande confusão em torno da doutrina constitucionalista.

Nós, porém, que vivemos nas terras abençoadas do Novo Mundo, especialmente da America Latina, livres de todos os preconceitos que a nossa vida politica e a nossa propria tradição repelem, como absurdos e mesquinhos, devemos juntar nossos esforços para encarar com criterio mais amplo "esse grande problema que marcará, sem duvida, uma profunda revolução na historia do pensamento medico, mas que é talvez o problema mais complicado e difficil que a ciencia medica contemporanea jamais teve diante de si". (Viola).

Devemos nos esforçar por conhecer os fundamentos e opiniões das diversas escolas e procurar, com elevado espirito de critica desapassionada, encontrar as verdades e reuni-las num só corpo de doutrina, afim de formarmos um conceito exato do assunto e não nos perdermos no meio da intrincada malha que se nos apresenta á consideração è ao estudo, na já numerosa literatura existente. Só assim poderemos construir a "nossa ciencia" e cumprir a missão que está destinada á nova geração sul-americana, que é a vossa e tambem a minha, mocidade do Brasil de hoje.

E' essa a orientação que procurarei dar ás minhas proximas palestras e que aprendi na Escola Constitucionalista Brasileira do prof. Rocha Vaz, o mais antigo centro de irradiação da doutrina das constituições na America do Sul. Resumindo-a, esse grande prégador das idéas constitucionalistas que é Waldemar Berardinelli assim se exprime:

"Procurar conhecer por todos os meios (isto é, segundo todas as escolas constitucionalisticas que, sendo todas incompletas, se completam umas ás outras) e em todos os dominios (morfologico, fisiologico e psicologico) a personalidade do doente."